

novas, estranhas à organização vigente e aos leitores, seriam minimizadas. É preciso lembrar que a autora enfatiza ser essa proposta adequada à situação atual, de aplicação viável neste estágio de desenvolvimento. Uma solução a curto prazo. As sugestões mais inovadoras estão na área de processamento técnico e, como é explicado na descrição da metodologia, não se tentou realizar uma avaliação de custos. Resta saber se o ponto de equilíbrio proposto poderá ser operacional e economicamente deslocado quando surgirem mudanças nas variáveis, decorrentes do crescimento previsto para a Universidade. De certa forma isto parece estar assegurado pelo cuidado demonstrado na escolha de sistema padrão para classificação e unificação de orçamentos.

SUZANA MUELLER

Departamento de Biblioteconomia —
Universidade de Brasília

INTERNATIONAL CLASSIFICATION. Journal on theory and practice of universal and special classification systems and thesauri. München, Verlag Dokumentation, 1974 — v. 1. Semestral.

WOJCIECHOWSKI, Jerry A., ed. **Conceptual basis of the classification of knowledge**. Proceedings of the Ottawa Conference on the Conceptual Basis of the Classification of Knowledge, October 1st to 5th, 1971. München, Verlag Dokumentation, 1974. 503 p.

THIRD International Study Conference on Classification Research. Bombay, 6-11 January, 1975. Trabalhos apresentados.

VICKERY, B. C. **Classification and indexing in science**. 3. ed. London, Butterworths, 1975. 228 p. ISBN 0 408 70662 7. £ 5.50.

MALTBY, Arthur. **Sayer's manual of classification for librarians**. 5. ed. London, André Deutsch, 1975. 336 p. ISBN 0 233 96603 X. £4.95.

Os problemas até agora suscitados pela classificação bibliográfica, no âmbito da Biblioteconomia e da Informação Científica, são muitos, complexos e, não raro, apaixonantes. Foskett pôde mesmo afirmar que o papel dos esquemas de classificação nas bibliotecas e centros de documentação causou maiores debates do que qualquer outra atividade biblioteconômica (¹). Ultimamente, porém, as discussões a respeito da classificação assumiram caráter estranho e, de certo modo, inesperado, pelo radicalismo com que se apresentam. O que se discute agora não é tanto a problemática deste ou daquele sistema de classificação, mas a validade mesma de qualquer sistema de classificação como instrumento eficiente na recuperação da informação.

É claro que toda discussão, como encontro e como choque de idéias, é sempre fecunda. O que causa estranheza na atual conjuntura é a pressa e o radicalismo de determinadas posições. Para não poucos bibliotecários — sobretudo os que se deixaram fascinar pelos progressos da Biblioteconomia norte-americana — a era das classificações bibliográficas está definitivamente superada. As modernas técnicas dos tesouros, das indexações pós-coordenadas e, muito especialmente, dos computadores tornaram não apenas as antigas classificações, mas qualquer tipo de classificação, algo totalmente superado, ferramenta envelhecida a ser, quanto antes, jogada na sucata.

Já tivemos oportunidade de, em nível teórico, analisar os argumentos com que se tem tentado justificar tal posição. Não repetiremos aqui essa análise. Nosso propósito é, ao invés, utilizar agora uma argumentação de certo modo menos apodítica, mas suficientemente esclarecedora da insensatez dos que julgam ter chegado a era do desaparecimento das classificações bibliográficas. Nossa argumentação é simples e mesmo trivial: se já chegou a era da morte das classificações como se explica o fato de, no espaço de apenas dois anos, serem publicadas obras tão importantes como as que referenciamos acima? Quando determinado assunto se torna irrelevante, decai naturalmente o número e a importância dos documentos que dele tratam. O arrazoado pode não parecer suficientemente irrespondível, mas é, sem dúvida, demonstrativo da falta de objetividade dos que aparentam desconhecer que as técnicas são produtos do pensamento e não vice-versa. Nosso raciocínio é simples. Consiste basicamente no elenco de algumas das mais importantes publicações realizadas no campo da classificação entre os anos de 1974 e 1975. A lista é seletiva. As obras foram escolhidas entre muitas outras pela sua expressividade. Em seguida é feita a seguinte questão: se a classificação continua a suscitar, no mundo inteiro, publicações como as que referenciamos, poder-se-á dizer que chegamos à era da morte das classificações, ou da classificação?

O elenco apresentado contém, em primeiro lugar, um periódico de âmbito internacional (o primeiro, ao que parece, no gênero) dedicado à teoria e à prática das classificações e dos tesouros. Vêm, a seguir, as atas de dois importantes congressos internacionais sobre classificação realizados em pontos bem distantes — geográfica e culturalmente — do universo: Ottawa (Canadá) e Bombaim (Índia). Finalmente a reedição, ou reformulação, de dois clássicos da classificação: Sayers e Vickery. Poder-se-á dizer, com segurança, em face de tão importantes contribuições no campo da classificação que esta já se acha moribunda ou que já morreu? Serão estas publicações atestados de óbito ou toque de finados? Não acreditamos.

O editorial com que se inicia o primeiro fascículo da revista **International Classification** diz a que vem o periódico, qual o seu programa. A crise das classificações não está na morte ou desaparecimento das mesmas. Muito ao contrário. A crise está no fato da existência de tão grande número de classificações, sem que haja um corpo comum de doutrina, sem o suporte de uma terminologia e de uma metodologia comum e, por isso mesmo, sem possibilidade de comunicação. O periódico tem como programa fornecer esse suporte. Visa à criação de uma ciência e de uma técnica coerente da classificação. Poder-se-á ver neste programa um atestado de morte da classificação?

O Congresso do Canadá, realizado em 1971, teve por finalidade a discussão epistemológica da classificação. Para este fim reuniu filósofos e técnicos da classificação (bibliotecários e documentalistas). Enquanto durante muitos séculos (quase toda a duração do pensamento filosófico ocidental) a classificação do conhecimento foi uma das grandes tarefas da Filosofia, só nos últimos séculos se fez sentir a presença dos técnicos da classificação. Mas estes desenvolveram as próprias habilidades nem sempre em contato com os filósofos. Como a necessidade teórica e prática do conhecimento humano se torna cada dia mais imperiosa fez-se mister um encontro entre os dois grupos. O congresso proporcionou esse encontro. Além desta finalidade básica uma outra esteve na mira dos organizadores do certame: a criação, na Universidade de Ottawa, de um centro de pesquisa em classificação. Podem tais atividades ser interpretadas como o final da era das classificações? Digam-no os entendidos.

A Terceira Conferência Internacional de Classificação, organizada pela FID, em Bombaim, numa homenagem ao grande mestre da moderna classificação bibliográfica, ultimamente falecido, constitui um balanço, sob muitos aspectos grandioso, dos progressos feitos desde as reuniões de Copenhague (1968) e Frankfurt (1970). As atas ainda não foram reunidas numa única publicação, mas os trabalhos apresentados podem ser consultados nos documentos impressos e divulgados pelo congresso. Ao lado de uma riqueza extraordinária de perspectivas sente-se a pujança de pensamento da mesma FID, que neste momento colabora com a UNESCO, no projeto Unisist, na elaboração de uma linguagem universal capaz de diminuir ou anular os graves inconvenientes criados pelas modernas técnicas que realizam, no campo da Documentação e Informação Científica, aquilo que nem duas guerras mundiais tinham conseguido: a total incompatibilidade entre os vários sistemas de informação. Também aqui parece bem difícil enxergar qualquer vislumbre de morte da classificação.

Finalmente, as reedições, ou reformulações, de dois clássicos da classificação: a terceira edição de **Classification and Indexing in Science**, de Vickery, e a quinta edição, totalmente reformulada por Maltby, do **Manual of Classification for Librarians**, de Sayers.

Vickery, um dos membros mais ativos do Classification Research Group de Londres, co-autor do famoso memorando intitulado “The need for a faceted classification as the basis of all methods of information retrieval” (-), não modificou o seu ponto de vista com relação ao primeiro capítulo da obra referenciada que trata exatamente da necessidade da classificação. Apenas torna o seu conteúdo mais atual. Os dois parágrafos “Classification in information retrieval” e “The value of classification in retrieval” traduzem com clareza o modo de pensar do autor que não hesita em afirmar: “nearly always in information retrieval, a classification activity is implicit” (p.5). Altamente significativos os capítulos dedicados à classificação na indexação e nos sistemas pós-coordenados. Dois apêndices tornam a obra ainda mais valiosa. São apêndice A (“Historical aspects of the classification of science”) e o apêndice C (“Categories”).

O manual de classificação de Sayers aparece agora, nesta quinta edição, profundamente reformulado por Arthur Maltby. Já a quarta edição tinha sido publicada por Maltby, após a morte de Sayers. Mas nesta última edição o processo de revisão foi de tal monta que quase se poderia falar de uma obra nova. No entanto, as linhas mestras do antigo manual permanecem. O que se pode perguntar é se Maltby foi forçado pelo progresso moderno a mudar os princípios básicos do capítulo intitulado “The value of systematic arrangement in libraries”. E a resposta é que exatamente neste primeiro capítulo as modificações foram mínimas, já que se trata de princípios que não foram modificados pelo progresso da atual Biblioteconomia.

De qualquer sorte, a análise, mesmo sumária, dessas excelentes publicações demonstra à evidência que a era da classificação bibliográfica, longe de ter sido superada, entre numa fase de fascinante desenvolvimento.

1. FOSKETT, D. J. **Classification for a general index language**. London, Library Association, 1970, p. 7.
2. PROCEEDINGS of the International Study Conference on Classification for Information Retrieval. Dorking, 1957. London, Aslib, 1957, p. 137-147.

ASTÉRIO CAMPOS

Departamento de Biblioteconomia —
Universidade de Brasília